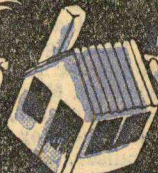
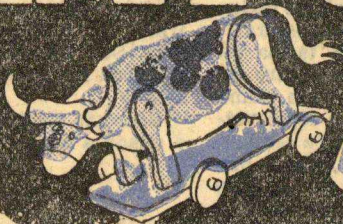


PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 687



O JUDAS DA ESCOLA

Por LEONOR DE CAMPOS

— «**Q**UEM foi que mexeu no tinteiro e o entornou sobre a minha secretária?» — perguntou o professor, de sobrececho carregado.

Os rapazes baixaram os olhos, comprometidos. Mas nenhuma voz se ergueu para acusar um colega. O professor continuou:

— «Lamento que vocês, rapazes crescidos, se tenham portado como crianças, aproveitando a minha ausência para fazer disparates. E espero que o autor de tão estúpida brincadeira não repetirá a proeza. Contudo, fico ciente de que nesta classe há quem seja indezajável. Se um dia chego a apanhá-lo,

garanto-lhe que não lhe ficará vontade de tornar a brincar desta maneira...»

E a lição prosseguiu, sem que o professor voltasse a aludir ao tinteiro entornado.

Portanto, quando, no dia seguinte, o professor, antes de começar a aula, chamou com ares severos o José Manuel, e lhe ralhou por ter entornado o tinteiro, os rapazes ficaram indignados.

Pois quê?! Houve quem denunciasse um condiscípulo?!... Não. Aquilo não ficava assim. Tinha que se averiguar quem fôra o autor da denúncia, para ser castigado... Mas como descobri-lo?

A saída, toda a rapaziada amiga rodeou o Tomaz, o melhor aluno da aula, o mais bem comportado, aquele



que estava sempre pronto a ajudar um colega, a tirá-lo de dificuldades. E por unanimidade o elegeram chefe da classe e o encarregaram de descobrir o delator.

Tomaz aceitou o espinhoso delatamento. Também ele se sentia revoltado.

Entre os condiscípulos apartou aqueles em quem absolutamente confiava. Eram 11; qualquer deles incapaz de cometer tão feia acção. Restavam oito. Mas entre esses oito, havia dois que não mereciam a mais pequena confiança. Um, o Joaquim, era tímido, acanhado. Andava sempre encostado ás paredes e nunca olhava de frente, quando conversava. O outro era o Ernesto. Este era um demónio. Desordeiro, intriguista, cobarde, espancava os mais pequenos mas nunca reagia quando os maiores lhe batiam ou o insultavam.

E o Tomaz, insensivelmente, começou a pensar só nos dois. Mas qual deles teria sido?

Então, o rapaz teve uma ideia. Comunicou-a ao Fernando, seu grande ami-

go, que logo a aprovou entusiasmado. Nessa noite o Tomaz foi a casa do Joaquim e disse-lhe:

— «Estou muito aborrecido com esta história da denúncia. Tanto mais que começo a desconfiar dum grande amigo meu. Trata-se do Fernando. Disseram-me hoje que êle dá cada tarefa na irmazinha que a deixa em misero estado. Ora um rapaz que bate numa criança, é indigno. Se isto fôsse verdade, eu cortava com êle para sempre.

Quem faz destas coisas, não é boa companhia. Se o professor o sabe, é até capaz de o expulsar. Não te parece? Por isso eu lembrei-me de vir ter contigo e pedir-te que me ajudes a descobrir a verdade.»

Dali o Tomáz dirigiu-se a casa do Ernesto e contou-lhe a mesma história. Apenas com uma variante: — O Fernando não batia na irmazita. Fazia partidas á avó, escondia-lhe os óculos, metia-lhe sustos, arrelhava-a...

Na manhã seguinte, os rapazes fieis, os que estavam ao lado das diligências de Tomaz, esperavam com impaciência a chegada do professor. Ia finalmente descobrir-se o Judas da aula. O mestre chegou. E depois de todos instalados nos seus respectivos lugares, disse com voz pausada:

— «Vamos hoje fazer um exercício de redacção sobre «Deveres para com os nossos irmãos mais novos!»

Um nome, logo seguido de violento adjectivo, correu de boca em boca. O professor percebeu que havia qualquer coisa, mas interpretou mal o sussurro.

— «O quê? Vocês estranham êste ponto de redacção? Dar-se-há o caso de haver algum, de entre vós, que desconheça os seus deveres para com os irmãos mais novos?»

E olhava significativamente para Fernando. Então, êste levantou-se e, de cabeça erguida, perguntou:

— «O senhor professor refere-se a mim?»

— «Que idéa! — retorquiu o mestre, com ironia — Você era incapaz de pra-

ticar uma acção dessas!... Estou convencido de que a sua irmazinha mais pequena é da mesma opinião!»

— «Qual irmã, senhor professor? — disse o Fernando, sufocando um grande vontade de rir. Eu não tenho irmãos, nem mais novos, nem mais velhos. Sou filho único! Vossa excelência pode informar-se, se me não acredita!»

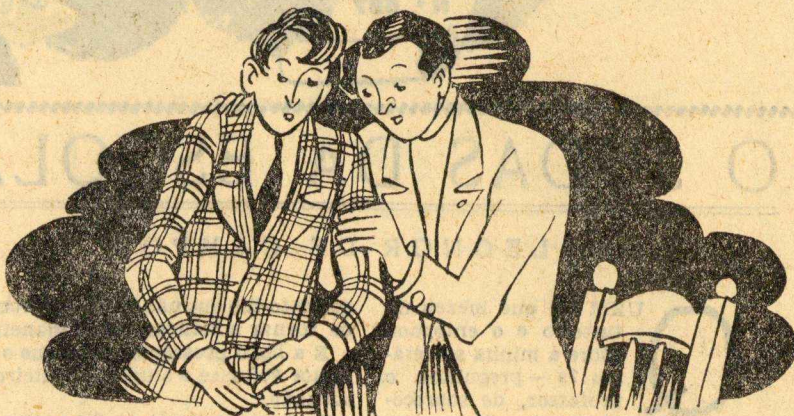
Só nesta altura o Joaquim percebeu a cilada a que o Tomáz o atraíra. Es-

— «Porque as minhas duas avós morreram antes de eu nascer!...»

Nesta altura o Tomás interveio na conversa, contando-lhe a idéa que tivera para apanhar o denunciante. Se o professor falasse na irmã do Fernando, o culpado era o Joaquim. Se aludisse á avó, era Ernesto o traidor.

— «Mastu desconfiavas de mim?» — interrogou o Ernesto.

— «Desculpa, mas desconfiava. Tenho-te visto fazer tanta maldade, tanta



tava desmascarado. Os condiscipulos sabiam agora quem era o Judas. E o professor nunca mais acreditaria uma palavra do que êle dissesse.

Terminada a aula, os rapazes saíram a comentar o acontecimento, enquanto o Joaquim se escapulia, envergonhado. E então o Ernesto dirigiu-se ao Fernando e disse-lhe ao ouvido:

— «Não bates na irmã, mas arrelias o tua avó, meu grande marau. Olha que se eu fôsse da raça do Joaquim, te acusasse ao professor, não ficavas tu a rir assim...»

— «Assim, não. Ainda ria com mais força!»

— «Ora essa?! E porquê?»

cobardia, que me convenci de que eras capaz de praticar mais esta.»

— «Pois de hoje em diante vou esforçar-me por ser leal, valente e bom. Verás que nunca mais darei ocasião a que alguém desconfie do meu caracter...»

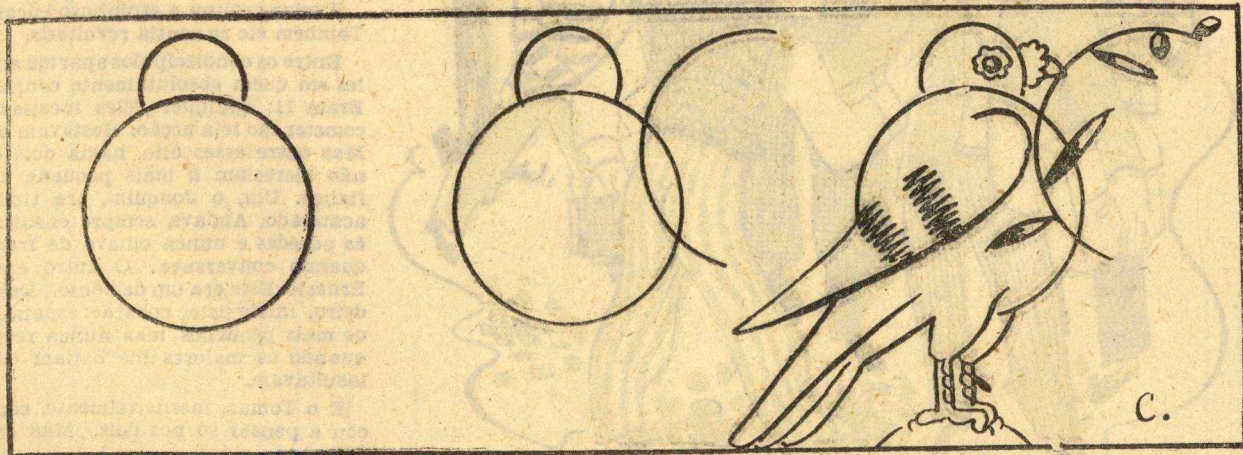
Ernesto prometeu e cumpriu.

Quanto ao Joaquim, mudou de escola. E quando vê, ao longe, um dos antigos condiscipulos, esconde-se para se não encontrar com êle.

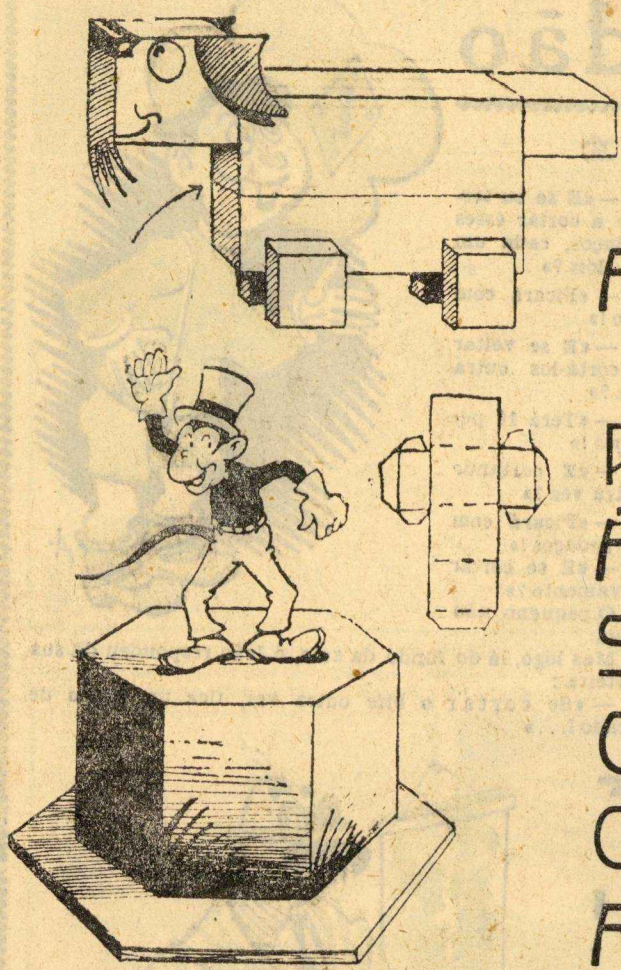
Mas consta-me que a vergonha porque passou o transformou a tal ponto que hoje é estimado por todos e até já olha a direito para quem lhe fala.

F I M

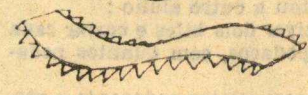
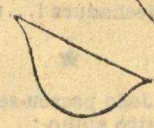
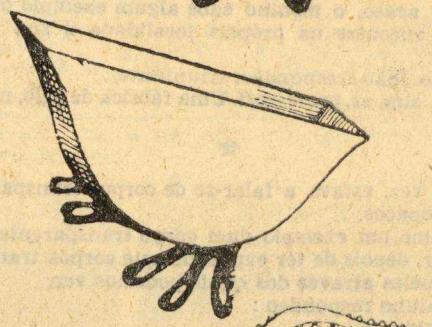
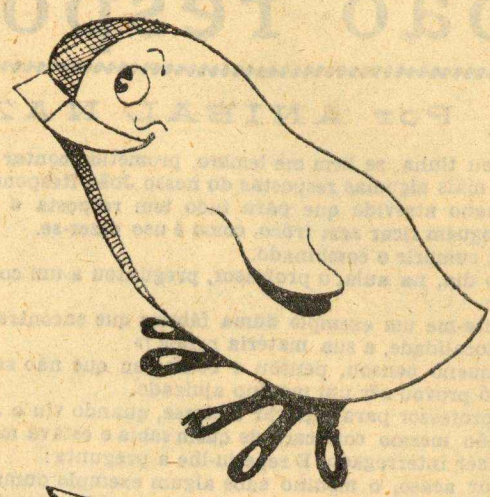
L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha o símbolo da Paz



A
P
Á
S
C
O
A



TAVARES JÚNIOR

Está-se aproximando a festiva época da Páscoa, durante a qual é costume oferecer-se brindes, tais como caixinhas com amêndoas, etc. ás pessoas nossas amigas. Pois o «Pim-Pam-Pum» no desejo de vos ser agradável, vai dar-vos três esquemas de caixas, que, sendo construídas a primor, ficarão decerto uns brindes interessantes para oferecerdes, por exemplo, aos vossos papás. O de cima, à esquerda, é

çado pintainho. A forma de se armar está explicada pelos vários esquemas que estão por baixo. Finalmente, a 3.ª cuja explicação, vai também, em esquemas, leva depois de pronta, uma mascote ou mesmo uma figura recortada dum postal.

É claro que todas as caixinhas devem ser pintadas, ou, então, forradas com papeis bonitos.

E, agora, algumas recomendações.

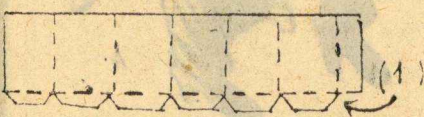
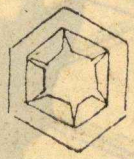
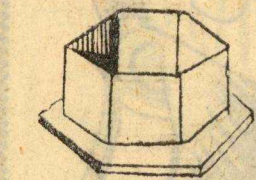
Na colagem das patilhas 1, devem empregar grude e no papel farinha.

As dobras das caixas devem ser vinculadas com um canivete, e, finalmente,

devem empregar nas caixas pequenas, cartolina grossa e nas grandes, cartão.

E pronto!

Digam-me se o «Pim-Pam-Pum» é ou não vosso amigo?



feito, como se vê, todo com caixas de vários tamanhos, abrindo-se somente a do meio, que forma a barriga do cão. Quem fôr habilidoso poderá fazer com que se abram todas as caixas e meterá nelas amêndoas de várias qualidades. Ficarão muito mais interessante.

A 2.ª caixa representa um engra-

A DIVINHA (Solução do número anterior)

A frase que o coelhinho teve de escrever sete vezes na ardózia, foi a seguinte: — Eu não sou digno de figurar nas páginas do «Pim-Pam-Pum».

João respondão

Por ANIBAL NAZARÉ

Ora, eu tinha, se bem me lembro, prometido contar aos meninos mais algumas respostas do nosso João Respondão, um pequeno atrevido que para tudo tem resposta e não deixa ninguém ficar *sem trôco*, como é uso dizer-se.

E vou cumprir o combinado.

Outro dia, na aula, o professor, perguntou a um colega do João :

— «Cite-me um exemplo duma fábrica que encontre, na própria localidade, a sua matéria prima !»

O pequeno pensou, pensou e confessou que não sabia, no que só provou sêr um menino ajuizado.

Ia o professor para explicar à classe, quando viu o João Respondão mesmo com cara de quem sabia e estava mortinho por sêr interrogado. E repetiu-lhe a pergunta :

— «Por acaso, o menino sabe algum exemplo duma fábrica que encontre na própria localidade a sua matéria prima ?»

E logo o João Respondão, triunfante :

— «Sei, sim, sr. professor! Uma fábrica de gelo, no Polol!»

★

Doutra vez, estava a falar-se de corpos transparentes e de corpos opacos.

— «Dê-me um exemplo dum corpo transparente !» disse o professor, depois de têr explicado que corpos transparentes são aqueles através dos quais podemos ver.

E um aluno respondeu :

— «O vidro !»

— «Muito bem !» disse o mestre. E, depois, dirigindo-se ao João Respondão :

— «Outro exemplo ?»

E êle, *todo ancho* :

— «Um buraco de fechadura !...»

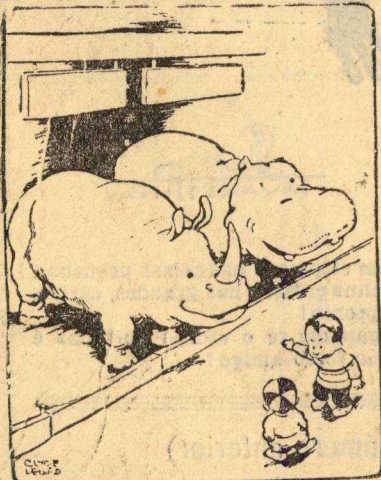
★

Mas a última do João passou-se há dias, quando o professor perguntou a outro aluno :

— «Se eu tiver dois bifés e cortar cada um em dois pedaços, com quantos pedaços ficarei ?»

— «Ficará com quatro pedaços !» — respondeu o pequeno.

ANEDOTAS



— «Repara bem na diferença que existe entre o rinoceronte e o hipo-

pótamo. O rinoceronte é o que tem uma antena no focinho.»

*

— «Ó pai, o que é o vento? É o ar quando está com pressa, não é?»



— «E se eu tornar a cortar êsses pedaços, cada um em dois ?»

— «Ficará com oito !»

— «E se voltar a cortá-los outra vez ?»

— «Terá 16 pedaços !»

— «E cortando outra vez ?»

— «Ficará com 32 pedaços !»

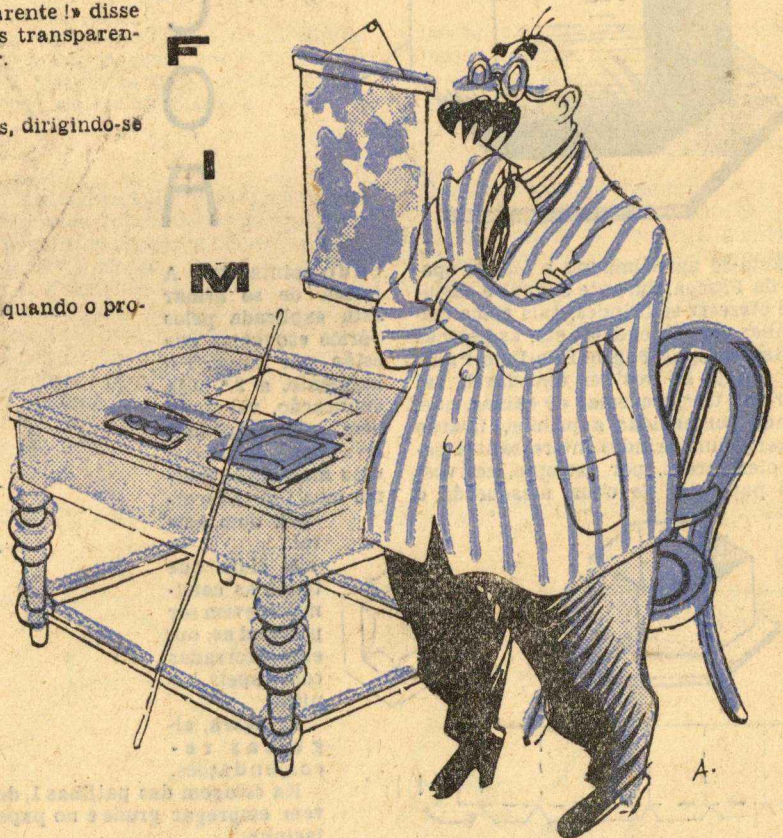
— «E se cortar novamente ?»

O pequeno não sabia.

Mas logo, lá do fundo da sala, o João respondeu da sua carteira :

— «Se cortar o bife outra vez, fica um prato de picado !...»

F
O
I
M


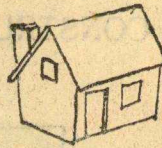



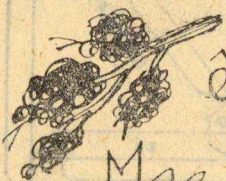






— Ó pai, é verdade que há gente na lua.»

— «Parece que sim.»

— «Então devem ficar muito apertados quando ela está em quarto minquante.»

JUSTO CASTIGO — (Conto hieroglífico)

1 rapazinho 1 dia viu da  da sua 
 um  com  pequeninos dentro.
 Desceu ao quintal e trepou à  em cuja
 ele se encontrava, para o roubar.
 Mas pondo 1  em falso, caiu e fe-
 riu um . Fei o  que o castigou por
 sua  e feia acção.

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

Por ABELHA-MESTRA

Amiguinhas :

Porque são sempre muito úteis os lencinhos, não podemos dizer que são demais, pois os mafarricos, que tantas vezes têm a nossa maior simpatia, quando mal nos precatamos... zás!... escapam-se-nos e nunca mais os achamos! Portanto, é sempre bom ter outros para substituí-los.

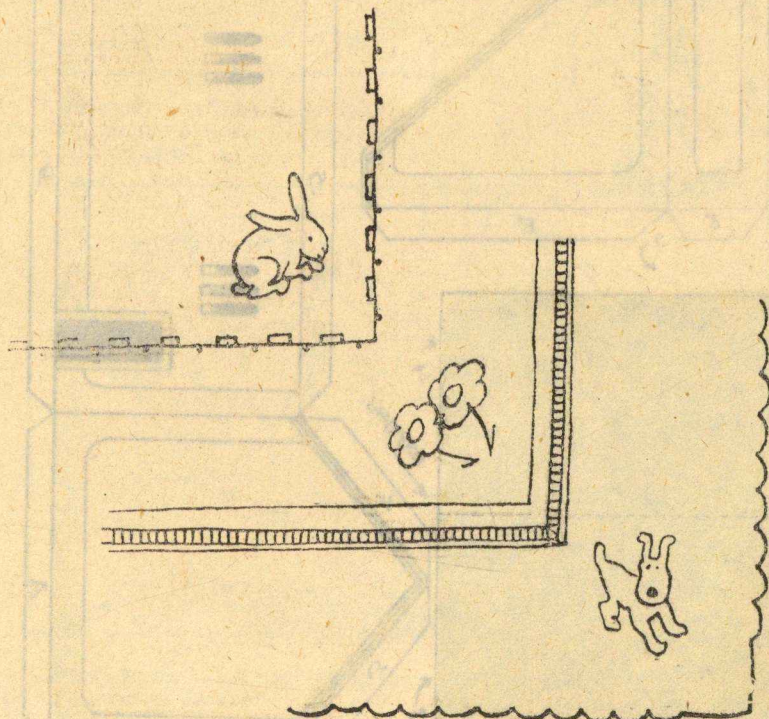
O primeiro tem um coelhinho bordado, que pode ser em preto, assim como o «Tóto» que enfeita o terceiro.

No segundo há umas florinhas cujas pétalas são encarnadas e cujos olhos são pretos.

Se vocês quiserem simplificar o trabalho da bainha, enrolem esta, como se fôsse para perfilar e façam o ponto cruzado, que é de tão bonito efeito para acabamento dos lencinhos.

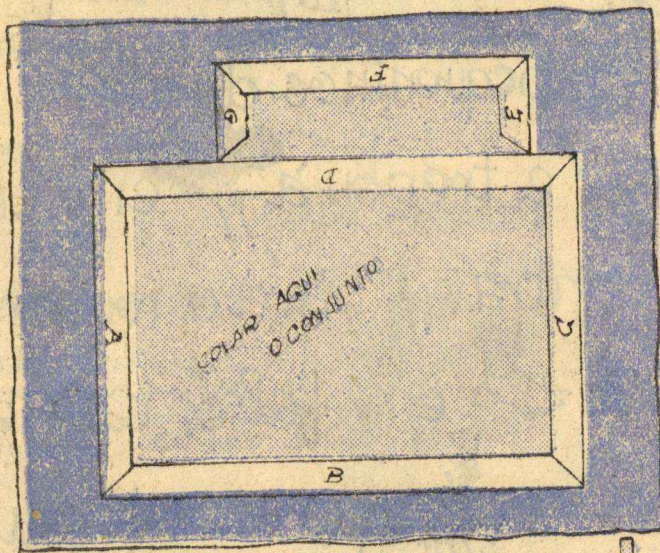
Vossa sempre muita amiga

Abelha-Mestra.

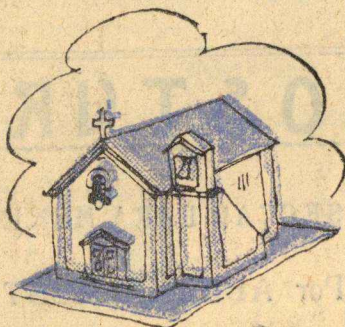


A CAPELINHA da ALDEIA

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



ARCINHO



ESQUEMA

